

Son tout des enfant!

Seríamos, todos nós, crianças crescidas? Cada ser vivente, dotado de racionalidade ou não, todos, sem exceção – ou mesmo o mais amargo, ranzinza, ocupado, arrogante, auto-suficiente dos corações humanos seria um infante envelhecido?

Basta afrontar os olhares – todos eles carentes – para não escapar a tais questionamentos. Mas vá dizer você que absolutamente não sustenta tal atributo. Permita-me considerar ainda assim, em minhas conjecturas ingênuas e prepotentes, em meu limitado francês que... Son tout des enfant! E considero ainda mais que, talvez, seja a maneira como nossa vida se desenrola na maturidade exatamente o reflexo do que ela foi ao período que imediatamente a precedeu.

Tenho me perdido na literatura Nietzscheana e, portanto, talvez seja esta a explicação para os furtivos questionamentos que, inerentes a mim, vez ou outra vêm emergindo de tempos remotos... Contudo, um tanto mais otimista, acredito.

Talvez seja uma busca por respostas que expliquem assim tantas considerações e estudos sobre as estratégias educacionais. Investe-se muito no que diz respeito às bases da educação. Psicólogos, pedagogos, educadores ou os próprios pais, há milênios travam batalhas, geram fórmulas, criam manuais, maneiras de ensinar a crescer de fato, ou mesmo, como inserir os pequenos ao fim, na categoria de adultos. Não consigo, contudo, enxergá-los, mesmo após sua maturidade, senão, como velhas “crianças”.

Não tenho aqui a pretensão de tecer considerações vagas e despreparadas relativas às psicologias ou terapias educacionais, nem me atrevo a aprofundar em termos de conhecimento teórico a respeito de conteúdos que não domino, e particularmente desacredito-os em questão de aplicabilidade – teoria vazia que não interage com a vida real. Prefiro divagar em minhas loucas concepções – quiçá, “filosofar” seria mais apropriado termo – a esse respeito.

Quem pode julgar certo, que a partir do momento em que se nasce, seja necessário, por convenções pré-estabelecidas e outorgadas, que se relegue ao ser imaturo a incapacidade e impossibilidade de pensar, sentir, viver – ter relevância enfim? Vejo isso como uma crueldade, pois, vejo as crianças como sábios mestres, e acredito na imortalidade da infância. Engreno-me em uma saga corajosa contra os amargos e moralistas, os adultos empapados e pessimistas, que transformaram seus sonhos um dia repletos da frescura juvenil em meros propósitos impossíveis e senis. Seria categorizada de imatura e infantil por minha atitude diante destes, porém sigo sem vacilar em minhas teorias, para alguns infundadas, principalmente por crer que muitos sustentam a mesma bandeira.

Segundo meus devaneios, quem subestima, despreza, julga ou poda a capacidade criativa, envolvimento, reflexão ou introspecção nas variadas manifestações inerentes a esta fase, está subjugando um momento crucial ao amadurecimento de sua “criança interior” – que depende muito dessa interação entre as partes – crescida (adultos) e não crescida (crianças). Estas são concepções pessoais,

mas desde que comecei a pesquisar mais sobre o assunto, ler e questionar a esse respeito, mais ainda passei a acreditar que essa seja a solução para os problemas enfrentados nas “crianças já crescidas” – ter a consciência de que o tempo passa, que alcança-se a maturidade, mas que sua criança é eterna.

Certa vez, ao questionar uma prima sobre como andavam suas consultas a psicóloga que freqüentava – pois vinha atravessando turbulências em sua vida adulta, relacionadas a traumas da infância – ela categoricamente mostrou-se revoltada com a metodologia utilizada pela profissional – resistindo à insistência em referir-se a sua “criança interior”. Dizia que não gostava de crianças e que nem cogitava ter filhos pois, não trazia boas lembranças de sua infância e portanto, preferia esquecê-la.

Segundo o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, o termo “criança interior” é representado pelo seguinte conceito:

*“Em todo adulto espreita uma criança – uma criança eterna, algo que está sempre vindo a ser, que nunca está completo, e que solicita atenção e educação incessantes. Essa é a parte da personalidade humana que quer desenvolver-se e tornar-se completa”.*

Ao ler essa explicação, me senti muito grata por perceber que não estou sozinha. Sempre compartilhei desta concepção de que somos seres inacabados, em constante aprimoramento. Identifiquei-me muito com essas concepções e fiz uma comparação com minha vida. Percebi como, vez ou outra, me deparava em erros tão repetitivos, e relacionei a comportamentos da minha infância. Deparei-me em muitos momentos, cobrando-me o porquê de crescer no sentido literal, mas continuar imatura em muitos aspectos. Percebi que tais dificuldades estão presentes em qualquer ser humano, quiçá até nos animais. Comecei então a tentar entendê-los e buscar respostas. Acabei concluindo estas considerações.

Comecei a entender porque tenho tanta afinidade com pessoas simpáticas, gente que não se limita a lamentar problemas, gente que tem riso frouxo, que tem sempre uma atitude positiva diante da vida, gente alegre, gente, de fato, feliz. Percebi como o oposto também era pertinente – não conseguia conviver com gente amarga, gente mal-humorada e antipática. Definitivamente eu as suportava, e me era um imensurável suplício ter de me relacionar com essa negatividade.

Não sei se há alguma relação mística entre as pessoas que nascem no mesmo dia, mas sempre me perseguira um questionamento muito peculiar ao astro do pop – Michael Jackson – Por que haveríamos de crescer?

Segundo psicólogos, seu “distúrbio de Peter Pan” e seu comportamento excêntrico de um adulto infantilizado eram nada mais que o reflexo da tentativa de resgate de sua infância perdida, uma forma de tentar ser feliz – ambição inerente a qualquer ser vivente.

A infância sempre me foi um universo cheio de possibilidades, e não há nela aquele ranço patológico de desespero e dor, de tristeza e solidão, de insegurança e necessidade. O mais triste é que quando expomos assim cruamente nossa vulnerabilidade e fraqueza estamos sujeitos a julgamentos e condenações.

Se me consideravam boba, infantil ou imatura por tal comportamento, nunca isso realmente me afetou. Apenas me servia de aprimoramento e polimento para o meu real “crescimento” – como ser humano, não como adulta.

Se entre tantos personagens, fictícios e reais, tentou-se imortalizar a infância, será que estes tantos não compartilhavam um mesmo objetivo – restaurar um tempo de verdadeira autenticidade e verdade?

Pergunto-me e pergunto-lhes: quem nunca desejara isso e pela força do que era mais urgente e necessário, pelos protocolos mil que se devam respeitar, ou pelo social, pelo horror ao desconexo e a loucura, se viu privado em seus desejos, pelas convenções e regras internalizadas que nos chamam a responsabilidade, ao amadurecimento enfim?

Ainda assim, acredito, que mesmo privados por si mesmos, mesmo viciados e envelhecidos em nossas rotinas e comodismos, em nosso cansaço e rançoso passo carregamos no olhar aquela velha inocência juvenil, os mesmos gestos sutis e curiosos, a despreensão e a espontaneidade sincera, uns mais, outros menos, mas sempre ali, depositada em nosso olhar – olhar de criança que ali repousa ou tiritita serelepe e repleta de sua criativa diversidade e multiplicidade, em meio a uma frase que cintila dia e noite a nossa essência... *Son tout des infant!*